

A palavra – na história, na geografia e na antropologia*

JOSÉ AUGUSTO BEZERRA¹

Senhoras e senhores, saúdo-os em nome dessa conquista maior da humanidade, mãe de todas as invenções, dom supremo que Deus não ofereceu a nenhuma outra criatura – a palavra.

No contexto dessa saudação, relevo, especificamente, alguns personagens especiais.

Primeiramente, o presidente da Academia Cearense de Retórica. Intelectual de escol, médico respeitado por toda uma vida dedicada ao próximo, Maurício Benevides sobressaiu-se, desde cedo, pelo poder de persuasão e pelo impressionante timbre de voz, fatores que, aliados à natural vocação para o estudo da arte de bem dizer, transformaram-no em singular orador e inextinguível retor.

Sou-lhe profundamente grato por falar em nome do Sodalício, recepcionando-me nessa noite memorável, o que ornamenta a presente solenidade com o seu pensamento e aumenta a nossa responsabilidade por suas expectativas. Na figura desse idealista, verdadeiramente admirável, saúdo os membros da Mesa Diretora e as demais autoridades aqui presentes, mencionadas ou não pelo protocolo.

Saúdo os Acadêmicos dessa egrégia entidade, que me convidam para trabalhar em um laboratório que estuda a energia criadora do universo, porquanto o Livro Sagrado registra que “No princípio era o verbo, o verbo era com Deus e o verbo era Deus”.

Agradeço o voto de confiança desses novos parceiros de jornada e, na medida do possível, procurarei honrá-los.

* Discurso de posse na Academia Cearense de Retórica.

¹ Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

Saúdo os familiares e amigos que aqui vieram, deixando as suas atividades para dividir conosco os prazeres espirituais desta noitada. Vocês são oásis no deserto; alegram-nos quando os vemos, mesmo de longe, pois sabemos que ali estão a água doce, a sombra fresca e as tâmaras maduras, que refazem as energias da caminhada. Em noites como estas, os brilhos dos seus olhos transformam-se nas estrelas de um céu claro, que orientam as caravanas das nossas vidas. Obrigado pelo néctar e o perfume das suas presenças.

Reverencio o último membro que ocupou esta cadeira, Núbia Brasileiro, Estrela-da-Manhã de uma geração de intelectuais que ainda pode vê-la no seu imaginário. A líder feminina que encantava pela personalidade cativante e pelos múltiplos dons que derramava, como se fossem raios de luz, atravessando a poesia, o conto, o jornalismo, o romance, a música, o canto, o teatro, e, finalmente, a oratória. Lembrá-la-emos, sempre, como uma das mais fascinantes personagens que a Terra de Iracema gerou. E já que o destino aqui me trouxe, resta-me dizer que procurarei valorizar os ideais que aquela figura corajosa, até o fim, disseminou.

Gostaria de fazer algumas reflexões sobre a palavra, a qual criou as civilizações e evoluiu dentro delas.

Com a palavra oral, o homem aprendeu a desenhar os pensamentos no vento e, com a palavra escrita, a pintar a alma no tempo!

A oratória foi uma das primeiras formas de arte a surgir. Reunia a poesia e a filosofia no orador, uma espécie de ator, que falava à razão e ao coração.

Em Atenas chegou ao apogeu. Valorizavam, tanto os bravos que defendiam a cidade nos campos de batalha, quanto os que a engrandeciam no terreno das idéias, o que levou Alfonso Reys a declarar que “Desde Homero, a oratória, na Grécia, era a condição do herói”.

Em razão do prestígio da oratória surgiu na Grécia a arte da Retórica. Criava sistemas e regras que levavam à eloqüência.

Górgias, apontado como o introdutor da retórica entre os gregos, foi sempre muito admirado e, mais tarde, imortalizado, num dos diálogos de Platão.

Passado o período áureo em Atenas e o esplendor em Roma, a oratória e a retórica, após a invasão dos bárbaros, entraram em declínio

e passaram-se muitos séculos, até a chegada do Renascimento, para readquirirem, em parte, o prestígio e a importância de outrora.

A retórica moderna nasceu dos estudos do grande pensador Chaim Perelman, nascido em Varsóvia, que restabeleceu a linguagem natural, na relação entre auditório e enunciador.

Na realidade, existe uma forma de comunicação oral em cada época e em cada povo. A oratória grega, por exemplo, é concisa, direta, lógica e transparente. A romana, pomposa, gongórica, prolongada e difusa.

No caso brasileiro, a herança da língua latina, baseada em estudos de clássicos como Vieira e Ruy, é a responsável por discursos longos, que cansam os auditórios modernos.

Em rápida caminhada por alguns países, poderemos observar que a história da humanidade tem sido feita não pelas armas, mas pelas palavras de oradores, simples e tocantes:

Pérgles dominou Atenas por mais de quarenta anos. Nunca aceitou cargos políticos e morreu pobre; mas seu poder de persuasão levou sua época a ser chamada de “O Século de Pérgles”.

Se Roma foi grande, deve-o a Júlio César, que a expandiu e consolidou. E, por trás das estratégias bem-sucedidas estava a eloquência daquele líder, considerado pelo próprio Cícero como “o primeiro orador do seu tempo”.

No pequeno espaço geográfico de Israel, houve um homem chamado Jesus que se tornou divino por suas mensagens e mudou o mundo.

Na Alemanha, citaremos dois exemplos da palavra, usada no bom e no mau sentido. Primeiro, o de Lutero, que transformou as concepções do seu tempo e iniciou um novo ciclo na história das religiões.

Segundo, o de Hitler, que antes de ser soldado e político, aprendeu oratória, no estilo latino, e com ela hipnotizou o seu povo, arrastando-o para o caos.

Na Arábia, surgiu o profeta Maomé, que uniu as tribos árabes e abriu uma poderosa vertente para os homens, na busca de Deus.

A exortação de Napoleão, da França, no Egito: “Soldados, do alto dessas pirâmides quarenta séculos de história vos contemplan”, ainda ressoa.

Na Índia, um homem humilde, chamado Ghandi, assombrou o mundo ao derrotar a maior potência da época, com palavras e sem um tiro sequer.

Na Inglaterra, “o sangue, suor e lágrimas”, de Winston Churchill, foi a única arma dos aliados que não pode ser vencida nem copiada”.

Na Rússia, Lênin, com seus pronunciamentos avassaladores, provocou convulsões que se alastraram pelo mundo e criaram novo mapa político na história.

No local da maior batalha da Guerra Civil Americana, o discurso de Gettysburg, reconciliou um povo dividido, imortalizou Lincoln e motivou o País para a prosperidade.

Mesmo a China atual, com o seu duplo sistema político, está submetida às palavras de Confúcio, que têm sido mais fortes do que as mudanças ideológicas do país, através dos séculos.

A paixão brasileira pela palavra vem desde os primórdios. Nossos indígenas amavam a eloquência e a música.

Pero Vaz de Caminha, em nosso primeiro documento, observou que os selvagens, mesmo ouvindo uma língua estranha, mantiveram-se observadores e silenciosos, quando o padre subiu ao altar, na primeira missa, e pregou sobre os evangelhos. Pela eloquência dos gestos sabiam que era um líder, deixando uma mensagem.

Varnhagen, um dos nossos maiores historiadores escreveu: “Eram os índios grandes oradores e tanto apreciavam essas qualidades que, comumente, aos melhores faladores aclamavam por chefes”.

Jean de Lery, um dos nossos primeiros viajantes quinhentistas, salientou: “São grandes discursadores os selvagens e prosseguem muito bem em qualquer sermão, até o fim”.

O padre Fernão Cardim, dos maiores que descreveram os costumes indígenas brasileiros, observou:...”Pelas madrugadas há um principal em suas ocas que, deitado na rede, por espaço de meia hora, lhes prega, e admoesta que vão trabalhar como fizeram seus antepassados, distribuindo-lhes o tempo e dizendo as coisas que hão de fazer...”.

Por questão de tempo destacaremos apenas um nome, em cada um dos períodos posteriores à descoberta, cuja voz ecoou, mudando o futuro do Brasil.

Na fase Colonial, os sermões do padre Vieira buscaram o sublime. Encorajaram os brancos e integraram os índios, ajudando a dilatar e consolidar nossas fronteiras.

No primeiro reinado, Gonçalves Ledo, por sua incandescente atuação nas tribunas, é considerado, modernamente, o verdadeiro Patriarca da nossa Independência.

No segundo reinado, Joaquim Nabuco consagrou-se como o líder entre os grandes oradores que defendiam a Abolição dos Escravos.

Em homenagem ao Ceará, devemos registrar para os que conhecem José de Alencar apenas como romancista, que ele é considerado um dos grandes oradores do seu tempo.

Na República, entre muitos titãs da oratória, destacamos Juscelino Kubitschek, que, em regime democrático pleno e com o carisma da sua palavra, alevantou uma das mais maiores e mais arrojadas cidades do mundo, interiorizou o País e modificou o destino da Nação.

A eloqüência, portanto, é a arte que exprime e impõe sentimentos, de forma imediata, podendo desencadear revoluções.

Os grandes oradores têm sido homens do seu tempo, integrados às aspirações coletivas. Mesmo nas sociedades primitivas, havia os que melhor sabiam expor os seus pensamentos. Esses oradores selvagens, sem nenhuma chance numa sociedade civilizada, eram os guias dos seus povos. Das suas palavras grotescas e dos seus gestos rudes, dependiam as sobrevivências daqueles grupos.

Ainda hoje as sociedades esperam desses senhores que sabem utilizar a palavra, especialmente numa época em que os meios de comunicação em massa podem multiplicar extraordinariamente o poder de persuasão coletiva.

Continua verdadeira a afirmação de Victor Hugo: “Uma palavra caída de uma tribuna cria sempre raízes em alguma parte. Dizeis: não é nada, é um homem que fala, e encolheis os ombros. Espíritos de curto alcance! Dizeis que não é nada e é um futuro que germina, é um mundo que desabrocha”.

Mas, se a tecnologia amplia incrivelmente o poder da palavra para fins nobres como a educação, também aumenta proporcionalmente os perigos da eloqüência, se usada para interesses mesquinhos, cínicos ou imorais.

Sou um otimista, no entanto, e creio que a palavra, mesmo com os seus riscos, foi e sempre será nossa maior esperança. Por isso conclamo as forças culturais dessa Academia e do nosso País:

“Ajudem a formar jovens com poder de argumentação; não deixem que aproveitadores manipulem o nosso futuro pela falta de sonhadores e profetas, que saibam lutar por um mundo melhor”.

Muito obrigado.

(Agosto/2007)